

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC (FN) LEANDRO MARINHO MOREIRA

AUSÊNCIA DE DOCTRINA E ERROS INICIAIS:  
uma combinação irreversível no Afeganistão soviético

Rio de Janeiro

2018

CC (FN) LEANDRO MARINHO MOREIRA

AUSÊNCIA DE DOCTRINA E ERROS INICIAIS:  
uma combinação irreversível no Afeganistão soviético

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CF (RM1) Ohara Barbosa Nagashima

Rio de Janeiro  
Escola de Guerra Naval

2018

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, rendo minha gratidão a Deus por proporcionar-me saúde e inspiração para dedicar considerável esforço nesta longa e desafiadora jornada de pesquisa e estudo.

À minha amada esposa Monique, que não só manteve a firme estabilidade e harmonia do nosso lar, como também aportou contribuições preciosas em suas revisões e leituras deste trabalho. Não há palavras que expressem o nível de gratidão e amor que tenho por você. Muito obrigado!

Aos meus filhos Arthur, Nicole e Natália, manifesto igualmente meus agradecimentos pela paciência e compreensão por todos os momentos que os privei de minha companhia. Vocês são minha maior inspiração! Espero de algum modo ter sido um exemplo de dedicação e comprometimento.

Ao meu orientador, CF (RM1) Ohara Barbosa Nagashima, agradeço pelos valiosos ensinamentos transmitidos, sempre de maneira amigável e cortês. Saiba que suas precisas orientações e, sobretudo, seu exemplo de entusiasmo e profissionalismo foram fundamentais para o desenvolvimento e conclusão deste trabalho.

Aos amigos da Turma Almirante Barroso e demais amigos e familiares que de alguma maneira participaram com suas opiniões e seu apoio, manifesto também meu sincero obrigado! É uma honra percorrer essa singradura da vida cultivando a amizade e o companheirismo de todos vocês.

## RESUMO

A dinâmica da guerra convencional tem sido desafiada por uma forma rudimentar de se combater: a guerra irregular. Trata-se de um fenômeno antigo, mas que tem marcado significativamente grande parcela dos conflitos armados pós-Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Os movimentos de independência em vários continentes associados ao mundo bipolar do período da Guerra Fria (1947-1989) corroboraram para o surgimento de grupos insurgentes e terroristas, os quais desafiaram o monopólio do uso da força dos Estados, demandando profunda adaptação à essa nova realidade. A região onde hoje está situado o Afeganistão foi, e continua sendo, palco de conflitos dessa natureza. A pesquisa propõe-se a examinar se o emprego das tropas da ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (ex-URSS), ocorrido entre 1979 e 1989, no combate à insurgência *Mujahideen* no Afeganistão teve aderência ao modelo teórico de contrainsurgência elaborado pelo coronel do exército francês David Galula. Foi estabelecido como desenho de pesquisa o confronto da teoria com a realidade do caso concreto selecionado. Concluiu-se, portanto, que não houve aderência. Embora tenham sido observadas evidências que apontaram uma significativa mudança de abordagem entre os primeiros anos do conflito (1979-1983) e o período seguinte (1983-1989), as implementações doutrinárias de contrainsurgência não produziram o resultado esperado, particularmente no que se refere à obtenção do apoio da população. Por fim, enseja-se a reflexão sobre os desdobramentos para a Marinha do Brasil no que tange ao preparo para o enfrentamento de situações similares que exijam tais capacidades, seja no âmbito nacional ou internacional.

**Palavras-chave:** Afeganistão. Contrainsurgência. Guerra Irregular. Mujahideen. Ex-URSS. Apoio da População. David Galula. Teoria.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa étnico do Afeganistão em 1980.....	52
Figura 2 – Mapa da invasão soviética em 1979.....	53
Figura 3 – Mapa do Afeganistão.....	54
Figura 4 – Foto da retirada das tropas soviéticas do Afeganistão.....	55
Quadro 1 – Facções do Partido Democrático do Povo Afegão.....	56

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>2</b>	<b>A TEORIA DE DAVID GALULA SOBRE GUERRA IRREGULAR</b> .....	10
2.1	A Guerra Irregular: Termos e conceitos associados.....	10
2.2	População: O “centro de gravidade” da guerra irregular.....	13
2.3	Do plano à ação: emprego tático das leis de Galula.....	16
<b>3</b>	<b>A CONTRAINSURGÊNCIA SOVIÉTICA NO AFEGANISTÃO</b> .....	18
3.1	Afeganistão e seu povo: Principais antecedentes históricos.....	18
3.2	A invasão soviética e a contrainsurgência: O avanço do " <i>Grande Urso</i> " sobre as montanhas afegãs.....	23
3.3	A resistência <i>Mujahideen</i> e os resultados da Guerra.....	34
<b>4</b>	<b>O MODELO DE GALULA X CONTRAINSURGÊNCIA SOVIÉTICA</b> .....	38
4.1	As Leis da Contrainsurgência e a abordagem da ex-URSS.....	38
4.2	O emprego tático proposto por Galula e a experiência soviética no Afeganistão...	41
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	46
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	50
	<b>ANEXOS</b> .....	52

# 1 INTRODUÇÃO

A guerra irregular é tão antiga quanto a guerra. Embora seja difícil precisar o ponto exato a partir do qual possamos iniciar seu estudo, trata-se talvez da forma mais primitiva de condução da guerra. Podemos identificar sua remota ocorrência cerca de 500 anos a.C., na resistência armada de alguns povos subjugados pelo Império Persa, bem como em muitas outras ocasiões ao longo da história. Entretanto, com o advento da estrutura militar formalizada pelos gregos, a guerra ganhou uma característica regular que passou a dominar o pensamento dos estadistas e de seus combatentes.

As diversas transformações sociais, econômicas e tecnológicas<sup>1</sup>, ocorridas no decorrer dos séculos, obviamente influenciaram no desenvolvimento da condução da guerra, culminando em grandes enfrentamentos de contingentes cada vez maiores nos campos de batalha. O século XIX foi marcado por tais conflitos de grandes proporções como, por exemplo, as Guerras Napoleônicas (1803-1815), a Guerra de Secessão (1861-1865) e a Guerra do Paraguai (1864-1870). No alvorecer do século XX, observamos tal desdobramento na Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e, anos mais tarde, na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), cuja amplitude global foi evidenciada em três principais Teatros de Operações (TO): o Europeu e o Africano cuja abrangência incluía o Oceano Atlântico, e o TO do Oceano Pacífico.

Nesse sentido, os Estados seguiram a tendência formalizando suas Forças Armadas com fundamentos doutrinários e tomando para si o monopólio do uso da força. No

---

<sup>1</sup> A criação das armas de fogo, motor a vapor, ferrovias, blindagem de viaturas e até as armas de destruição em massa ilustram alguns exemplos de evoluções tecnológicas com reflexos diretos na forma de combater.

entanto, esse *modus operandi*<sup>2</sup>, que passou a ser amplamente conhecido como guerra convencional ou regular, paradoxalmente tem cedido cada vez mais espaço para um tipo rudimentar e primário de guerra. Tal postura se contrapõe às táticas militares sistematicamente desenvolvidas com amplo emprego de avançadas tecnologias e grande poder de fogo, impondo uma nova reflexão sobre os conflitos dos dias atuais.

De fato, a guerra irregular não obedece à lógica matemática. Em especial, após a Segunda Guerra Mundial, os conflitos onde o mais fraco venceu o mais forte inevitavelmente trazem à tona grande inquietação entre os estudiosos. Os exemplos como a Guerra da Indochina (1945-1954), Revolução Cubana (1957-1959) e a Guerra do Vietnã (1964-1968) desafiam a supremacia de exércitos mais fortes e o pensamento ortodoxo a respeito da guerra.

Com o intuito de aprofundar o entendimento desse intrigante fenômeno, este trabalho se propõe a analisar o contexto da invasão soviética e o combate à insurgência no Afeganistão, no período de 1979 a 1989, para responder ao seguinte questionamento: O emprego das tropas da ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (ex-URSS) no combate à insurgência *Mujahideen*<sup>3</sup> no Afeganistão teve aderência ao modelo teórico de David Galula no que concerne ao apoio da população?

Para alcançar o propósito estabelecido, o estudo foi estruturado em cinco capítulos. Na sequência desta introdução, o segundo capítulo será destinado à fundamentação teórica necessária para a pesquisa, cuja base principal é a teoria de contrainsurgência ora mencionada.

---

<sup>2</sup> *modus operandi* é uma expressão em latim que significa "modo de operação". Utilizada para designar uma maneira de agir, operar ou executar uma atividade seguindo geralmente os mesmos procedimentos. OSHISANYA, 'lai Oshitokunbo (2015). An Almanac of Contemporary Judicial Restatements (Civil Law) vol. ii: Almanac vol. ii. [S.l.]: Almanac Foundation. p. 712.

<sup>3</sup> *Mujahideen*: Guerreiros santos. Resistência islâmica que constituiu a guerrilha contra a invasão soviética. Tiveram apoio logístico externo de vários Estados, dentre eles: EUA, China, Paquistão e Irã, além de treinamento militar e armamento, na Guerra do Afeganistão (1979-1989) (VISACRO, 2009).



No terceiro capítulo descreveremos como se desenvolveu o emprego das tropas da ex-URSS no Afeganistão contra a insurgência, enfatizando os aspectos relacionados aos efeitos na população local e suas consequências para a guerra.

Dedicaremos o quarto capítulo para identificar as similaridades e contrastes verificadas no caso real selecionado com o modelo teórico apresentado, buscando validar ou não a hipótese proposta.

Por fim, no quinto capítulo, exporemos as principais conclusões levantadas, apontando possíveis linhas de pesquisa futuras atinentes ao tema e que não puderam ser aprofundadas no presente trabalho.

De fato, o assunto em tela reveste-se de grande relevância uma vez que observamos uma vasta ocorrência desse tipo de conflito na atualidade, e também está presente entre as ameaças que desafiam as forças armadas em variados contextos ao redor do mundo.

## **2 A TEORIA DE DAVID GALULA SOBRE GUERRA IRREGULAR**

No intuito de fundamentar as análises e conclusões levantadas no presente trabalho, destacaremos, neste capítulo, as apropriações de alguns aspectos da teoria de guerra irregular formulada pelo Coronel do Exército Francês David Galula (1919-1967).

Nesse diapasão, daremos ênfase ao estudo dos esforços empreendidos para a obtenção do apoio da população, bem como da variável geográfica associada também à população, ambos prescritos em sua teoria, para analisar o emprego das tropas soviéticas no cenário selecionado como objeto desta pesquisa.

Este capítulo está subdividido em três seções, sendo a primeira destinada aos conceitos e termos sobre guerra irregular e a segunda trata da descrição parcial da teoria de contrainsurgência de interesse para a pesquisa. À terceira seção cumpre enumerar algumas medidas que viabilizam a aplicação da teoria em procedimentos práticos.

Passaremos a seguir a uma breve conceituação de guerra irregular, abordada por relevantes estudiosos do assunto, e expressões associadas.

### **2.1 A guerra irregular: termos e conceitos associados**

Em virtude da diversidade de conceitos que permeiam o tema, faremos uso desta seção para convencionar alguns termos de modo a facilitar o entendimento da abordagem proposta.

Primeiramente, adotaremos para conflito o entendimento do filósofo francês Julien Freund (1921-1993), que em sua obra *Sociologia dos Conflitos* o conceituou como sendo o enfrentamento por choque intencional, entre dois ou mais contendores, para romper a

resistência alheia por meio do emprego da violência. Assim, consideraremos o conflito armado como base para nossa abordagem.

Particularmente após a Segunda Guerra Mundial, ocorreram mais de oitenta conflitos de natureza irregular. Segundo especialistas, noventa e seis por cento das guerras da década de 1990 foram enfrentamentos não convencionais (VISACRO, 2009).

Na busca pela elucidação dessa manifestação peculiar de conflito, surgiram alguns termos, tais como: rebelião ou insurgência, guerra assimétrica, guerrilha, guerra revolucionária, revolução e golpe de Estado, todos relacionados à guerra irregular. Essas facetas do conflito foram observadas nos diferentes processos de independência das colônias europeias durante a Guerra Fria<sup>4</sup> (1947-1989).

É exatamente nesse *Zeitgeist*<sup>5</sup> que viveu o Coronel Galula. Filho de cidadão francês e nascido em 1919 na Tunísia, graduou-se em 1938 e optou pela carreira militar no Exército Francês. Egresso da Academia Militar de Saint-Cyr, em 1940, combateu no teatro europeu durante a Segunda Guerra Mundial. Ele serviu destacado na China de 1945 a 1948, em seguida foi Observador das Nações Unidas na Grécia. Nos anos de 1956 a 1958, o coronel Galula serviu na Argélia onde teve uma experiência singular de combater a rebelião naquele país. Sua vivência associada à sua invulgar capacidade de análise, aportaram grande relevância à sua obra. Não por acaso, sua teoria serviu de principal referência para a criação da doutrina de contrainsurgência do Exército e do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados

---

<sup>4</sup> Período de grande tensão entre os EUA e a ex-URSS que caracterizou o mundo bipolar de 1947 a 1989. Se exacerbou e foi materializado na "cortina de ferro", expressão propagada por Winston Churchill para definir as diferenças entre os países democráticos e os países comunistas (BLAINEY, 2008).

<sup>5</sup> *Zeitgeist* é um termo alemão cuja tradução significa *espírito da época ou espírito do tempo*. O *Zeitgeist* transmite, em essência, o ambiente intelectual e cultural do mundo, em determinada época. Esta expressão tornou-se conhecida entre os filósofos alemães, com destaque para a obra de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770 - 1831). HENDRIX, John Shannon (2005). *Aesthetics & The Philosophy Of Spirit*. (Tradução nossa).

Unidos da América (2006)<sup>6</sup>, bem como de muitas outras Forças Armadas ao redor do mundo na atualidade.

Segundo Galula (1964), a guerra revolucionária é essencialmente um conflito interno que desafia o governo vigente com o objetivo de destituí-lo. Cabe destacar que devido à polarização do período da Guerra Fria, nenhuma guerra revolucionária era um assunto meramente interno. A revolução, o golpe e a rebelião ou insurgência são as alternativas para a tomada do poder político.

Entende-se por Guerra Irregular, segundo Alessandro Visacro (2009), "todo conflito conduzido por uma força que não dispõe de organização militar formal e, sobretudo, de legitimidade jurídica institucional." Adotaremos os termos guerra revolucionária e guerra irregular como sinônimos que remetem à mesma manifestação desse tipo de conflito armado.

A revolução caracteriza-se pelo seu caráter repentino, espontâneo e fugaz, mas sem um planejamento. Já o golpe é uma ação clandestina de determinado grupo contra o governo. A rebelião ou insurgência, difere das anteriores por tratar-se de uma luta prolongada, conduzida de maneira metódica para a consecução de objetivos a médio e longo prazo visando a queda da ordem vigente (GALULA, 1964).

Se a insurgência busca a tomada do poder, a contrainsurgência tem por objetivo combater a rebelião. Assim, identificamos que a insurgência, quando se manifesta, busca fazer o uso de violência para destituir o governo e este, por sua vez, detém os meios formais para repelir as ações rebeldes e restabelecer o *status quo*.

Em que pese haver certa fluidez e correlação entre os conceitos apresentados, nos apropriaremos, portanto, dos conceitos de insurgência e contrainsurgência considerando

---

<sup>6</sup> A teoria de Galula fundamentou a elaboração do *U.S. Army Field Manual 3-24* e do *Marine Corps Warfighting Publication Nº 3-33.5*, expedido no ano de 2006.

serem oportunos para o estudo em tela. Constatamos também que a definição de Freund (1995) sobre conflito e o conceito de Guerra Irregular apresentado por Visacro (2009) complementam com a precisão adequada os pressupostos teóricos de Galula (1964) destacados para a presente pesquisa.

A seguir, faremos uma síntese dos aspectos atinentes ao maior desafio imposto por esse tipo de conflito: a obtenção do apoio da população.

## **2.2 População: o “centro de gravidade<sup>7</sup>” da guerra irregular**

Abordaremos nesta seção parcela da obra *Counterinsurgency warfare: Theory and Practice* (1964) de David Galula, como arcabouço teórico principal de interesse para o nosso estudo. Portanto, daremos ênfase às leis por ele formuladas e destinadas a orientar o esforço contra uma guerra revolucionária. Cabe considerar que essa abordagem se aplica aos movimentos insurgentes que adquiriram determinada consistência no emprego da violência para combater o regime em vigor.

Na contramão do que se busca no combate convencional, centrado no controle de áreas e objetivos considerados de valor militar sob domínio do inimigo, a força contrainsurgente tem diante de si um adversário difuso. Esse, por sua vez, se vale de sua fluidez na população para levar o combate aonde possa equilibrar suas desvantagens (GALULA, 1964).

Nessa dinâmica, a força insurgente não se preocupa com o domínio perene de regiões, mas tem como principal vantagem escolher o momento e o local mais conveniente para atacar e desgastar seu oponente.

---

<sup>7</sup> Clausewitz (2010) o definiu como “o ponto central de todo o poder e de todo o movimento, do qual tudo depende”.

Primeiramente, cumpre ressaltar as condições geográficas do país, levantadas como pré-requisitos que contribuem favoravelmente à uma insurgência, a saber: localização; tamanho; configuração; fronteiras internacionais; condições do terreno; clima e; população. Nos ateremos, portanto, apenas ao quesito população de modo a nos mantermos fiéis ao proposto em nosso questionamento. Quanto maior for a população, mais difícil será o seu controle, ao passo que, quanto mais dispersa estiver, melhor para o rebelde. Se a sua concentração for em zonas rurais, dificultará sobremaneira o controle da força contrainsurgente (GALULA, 1964).

Em sua teoria, Galula (1964) postulou quatro leis para orientar a abordagem da contrainsurgência. A primeira lei da teoria atribui elevada importância do apoio da população tanto para o insurgente como para o contrainsurgente. O principal desafio da ação contrainsurgente com a limpeza e a manutenção de determinada área visa evitar que os rebeldes voltem a atuar com suas células políticas ou unidades guerrilheiras. Isso só pode ser obtido por meio do apoio da população, sua submissão às leis e seu consenso.

A segunda lei preconiza que esse apoio é obtido por meio de uma minoria ativa. A efetividade desse apoio é expressa não apenas pela simpatia e aprovação tácita, mas também na identificação de lideranças capazes de mobilizar parcela da população para uma participação ativa na luta contra os rebeldes. “Em qualquer situação, qualquer que seja a causa, haverá uma minoria ativa a favor da causa, uma maioria neutra e uma minoria ativa contra a causa” (GALULA, 1964). Logo, a técnica se propõe a angariar a minoria favorável para que esta mobilize a parcela neutra e, conseqüentemente, minimize ou elimine a minoria hostil. A “estratégia” política e militar, bem como seus desdobramentos econômicos, sociais e psicológicos, devem ter isso como efeito desejado (GALULA, 1964).

A terceira lei antecipa que o apoio da população é condicional. A força contrainsurgente só será capaz de conquistar seus colaboradores demonstrando sua determinação e capacidade de vencer a rebelião. Portanto, o temor de ter sua vida ameaçada pelos rebeldes deve ser afastado de forma minimamente razoável. Isso será possível por meio de um êxito convincente obtido por operações militares e policiais contra as unidades guerrilheiras, sucedido de ações políticas efetivas sobre a população (GALULA, 1964).

A quarta lei aponta para a intensidade dos esforços e a magnitude dos meios. O afastamento da população da influência e ameaça insurgente exigem ações intensas e de longa duração, demandando grande concentração de esforços, recursos e pessoal. Avulta de importância que esse emprego ocorra sistematicamente área por área, conforme os oito passos prescritos na teoria: concentrar um contingente suficiente para destruir ou expulsar o corpo principal de rebeldes; destacar tropas para manter as áreas conquistadas junto aos povoados, cidades e vilarejos; estabelecer contato com a população, controlando seus movimentos e impedindo seu contato com os guerrilheiros; destruir as organizações políticas rebeldes; instituir novas autoridades, por meio de eleições; testar a capacidade dessas autoridades e organizar unidades de auto defesa local; agrupar e educar os líderes num movimento político nacional e; conquistar ou suprimir os últimos grupos rebeldes residuais. Uma vez consolidada determinada área, esse processo deve ser repetido em outros locais (GALULA, 1964).

Fica evidente nas leis formuladas por Galula que todas as ações políticas e militares devem buscar como principal efeito desejado o apoio da população. Seu papel é decisivo na guerra irregular. Por outro lado, não podemos olvidar que na guerra as observações e sucessos obtidos em conflitos anteriores não garantem a vitória, mas incrementam e subsidiam o processo decisório.

Destacaremos, na próxima seção, algumas diretrizes práticas previstas na teoria de Galula, evidenciando seu caráter prescritivo.

### **2.3 Do plano à ação: emprego tático das leis de Galula**

Ao sintetizarmos as ações de limpeza, destruição ou expulsão do corpo principal de insurgentes, negando-lhes o retorno por meio da ocupação e manutenção de determinada área, identificamos operações tipicamente militares. Em sequência, a identificação, detenção e julgamento de líderes rebeldes, têm características policiais e judiciais. O estabelecimento de contato com a população para impor medidas de controle, eleger e testar novos líderes e promover um processo de reconstrução que assegure o sincero apoio da população, denotam ações essencialmente políticas (GALULA, 1964).

Desta breve síntese, fica evidente que uma operação de contrainsurgência reveste-se de considerada complexidade de esforços de natureza diferentes. Tais responsabilidades não são linearmente divididas entre militares e civis, pois suas tarefas coincidem em grande medida, no tempo e no espaço.

Diante desse desafio, não há como limitar os soldados a apenas tarefas puramente táticas e de combate. Cada combatente deve ser minimamente preparado para realizar múltiplas tarefas, até que seja possível sua substituição. Logo, num primeiro momento, o comando único deverá estar na esfera militar, sendo transferido para a civil assegurando a primazia deste último sobre o primeiro, afinal o que está em jogo é o regime político do país. Dessa forma, as ações militares devem ser dirigidas por metas políticas e os esforços devem ser coordenados por meio de um comitê que integre as ações e solucione as divergências (GALULA, 1964).



Não é difícil detectar que faz-se mister a adaptação das forças armadas para atuar em operações de guerra irregular. A assimetria desse tipo de guerra impõe uma abordagem que contraria o mero emprego de pesados contingentes comuns no combate convencional. Destaca-se o desdobramento de tropas leves e com grande mobilidade, apoiadas por aeronaves com baixo perfil de voo<sup>8</sup>, grande poder de fogo e autoproteção contra fogos terrestres<sup>9</sup>. Salienta-se o emprego de helicópteros e aviões que exijam pistas curtas para pouso e decolagem (GALULA, 1964).

Esta breve descrição da pluralidade de tarefas, especialmente nos momentos iniciais, nos leva a concluir que a preparação da tropa para ser empregada com chance de êxito em uma situação dessa natureza está longe de ser algo simples. Requer-se, sobretudo, uma adaptação mental dos envolvidos e adestramento específico.

Passaremos, no capítulo seguinte, à descrição de como se desenvolveu a contrainsurgência soviética no Afeganistão e a respectiva contextualização do referido conflito.

---

<sup>8</sup> Emprego de tropa de infantaria por meio de helicópteros realizando voo a baixa altura para dificultar a detecção.

<sup>9</sup> Fogos realizados por armas individuais ou anti-aéreas contra aeronaves.

### 3 A CONTRAINSURGÊNCIA SOVIÉTICA NO AFEGANISTÃO

Antes de direcionarmos nosso olhar para o conflito específico entre a ex-URSS e o movimento guerrilheiro dos *Mujahideen*, faremos uma breve contextualização sobre o Afeganistão e seu povo com vistas a termos um melhor entendimento de sua história. Esse panorama nos permitirá responder aos questionamentos com alguma sofisticação, destacando os aspectos do povo afegão que contribuíram para superar poderosos exércitos ao longo de sua história.

Portanto, este capítulo será fracionado em três seções, sendo a primeira destinada aos principais antecedentes históricos pertinentes; a segunda descreverá o desenvolvimento da contrainsurgência soviética durante o conflito; e a terceira abordará os aspectos da insurgência e os resultados da guerra.

#### 3.1 Afeganistão e seu povo: Principais antecedentes históricos

Ainda no distante ano de 330 a.C, Alexandre (356-323 a.C), o Grande, testemunhou seu poderoso exército ter seu avanço pela Eurásia paralisado por desconcertantes perdas diante das rudimentares tribos afegãs. Desde então, a região onde hoje está situado o território do Afeganistão, na Ásia Central, foi palco de intensas disputas de diversos impérios invasores no decorrer dos séculos (JONES, 2009).

Persas, gregos, mongóis, hunos, árabes, turcos, britânicos e russos são apenas alguns exemplos de povos que se aventuraram na tentativa de dominação dessa área que compreendia uma rota entre o Oriente Médio, as planícies asiáticas, Índia e China. Resultante dessas circunstâncias, suas fronteiras não foram estabelecidas em função da unidade e

homogeneidade dos habitantes locais, mas artificial e arbitrariamente para atender os interesses de Estados vizinhos ou de impérios que se estabeleceram na Ásia Central (HAMMOND, 1984).

O Estado moderno do Afeganistão foi fundado em meados do século XVIII, por Ahmad Shah Durrani (1722-1772) que unificou as regiões dos Pashtuns, porção do que hoje é o Paquistão, nordeste do Irã e oeste da Índia. No século XIX, Rússia e Reino Unido iniciaram uma disputa pela região que ficou conhecida como O Grande Jogo (1839-1919). Essa disputa constituiu o Afeganistão como um "Estado tampão" entre os dois Impérios. Entre 1839 e 1919, o Reino Unido invadiu por três vezes o território afegão com o intuito de conter a influência russa na região. No entanto, após frustradas tentativas de dominação, os britânicos não lograram sucesso e reconheceram a independência do Estado em 1919 (JONES, 2009).

Particularmente após a Revolução Russa desencadeada em 1917, os interesses russos de expandirem sua influência regional, assegurar as fronteiras de seu império, bem como o avanço do socialismo, se intensificaram após a saída dos britânicos da região em 1919. Concomitante aos interesses russos, o recém independente país do Afeganistão queria manter afastada a possibilidade de nova invasão britânica, aproximando-se da Rússia (HAMMOND, 1984).

Contudo, a promessa de Vladimir Lênin (1870-1924) e Joseph Stalin (1878-1953) de assegurar o direito de autodeterminação dos povos do Império Russo, incluindo a secessão, não se cumpriu após assumirem o poder. O então rei do Afeganistão, Amanullah Khan (1892-1960), que tinha grande simpatia por Lênin, testemunhou a repressão desencadeada pelo regime soviético contra a tentativa de independência dos povos muçulmanos vizinhos Bokhara e Khiva, situados ao norte do Afeganistão. Semelhante repressão ocorreu também

contra os *Basmachi*<sup>10</sup> na Ásia Central, que também tiveram apoio do Afeganistão como abrigo aos refugiados daquela região (HAMMOND, 1984).

A relação entre os dois Estados nos anos seguintes foi caracterizada por momentos alternados de afastamento e aproximação, tendo ocorrido um realinhamento após a independência da Índia e do Paquistão, em 1947. A presença britânica na região fora substituída pela influência dos Estados Unidos da América (EUA), no contexto da Guerra Fria.

Com a independência dos seus vizinhos, havia uma expectativa do governo afegão de recuperar parte do território do Paquistão cuja população era da etnia Pashtun e que outrora pertencia ao Afeganistão. A decisão dos EUA de apoiar o Paquistão na manutenção do território pleiteado pelo Afeganistão abriu o caminho para que este fosse buscar apoio da ex-URSS, que por sua vez, não hesitou em conceder (HAMMOND, 1984).

Em 1964, o rei Mohammed Zahir Shah (1914-2007) implementou um processo de democratização política que incluiu uma Constituição, um Parlamento, eleições, liberdade de imprensa e liberdade para formação de partidos políticos. Durante esse processo, foi formado o Partido Democrático do Povo do Afeganistão (PDPA), com viés comunista e liderado por Nur Mohammed Taraki (1917-1979) e que veio a se tornar o primeiro presidente do Afeganistão com o fim da monarquia em 1978 (HAMMOND, 1984). No entanto, esse novo modelo político estaria longe de se tornar uma unanimidade entre suas diferentes etnias.

Fruto dessa peculiar história, a população afegã é constituída por diversas etnias e um sistema social clânico<sup>11</sup>, caracterizando assim, uma frágil identidade nacional. Dentre as

---

<sup>10</sup> A revolta dos *Basmachi* teve suas raízes em 1916 devido ao recrutamento forçado de muçulmanos pelo Império Soviético para servirem durante a Primeira Guerra Mundial e transformou-se numa guerra civil que se arrastou até 1920, quando a sovietação da região prevaleceu. Contudo, esse processo deixou sequelas nas sociedades islâmicas por conta da violenta perseguição religiosa do regime comunista (HAMMOND, 1984).

<sup>11</sup> Sistema social fundamentado em tradições tribais e religiosas com uma ascendência informal de líderes.

etnias<sup>12</sup> que formavam os cerca de quinze milhões e meio de habitantes do país no ano de 1979, destacam-se as seguintes: Pashtuns, Tadjiques, Uzbeques, Hazarás, Airmaqs, Farsiwan, Brahuis, Turcos, Baluches e Nuristanis<sup>13</sup> (HAMMOND, 1984).

Embora os Pashtuns tivessem predominância numérica e influência política, tal domínio não era bem acatado pelas demais tribos. Além disso, soma-se o fato de que se tratava de um país pobre e subdesenvolvido, predominantemente rural cujo índice de analfabetismo chegava a superar 90% de sua população. Em que pese houvesse um governo central em Kabul, sua eficiência era contestável permitindo considerável autonomia aos chefes e senhores tribais dispersos nas diferentes províncias do país (HAMMOND, 1984).

Por outro lado, na contramão dessa diversidade étnica e consequente fragilidade política, a religião islâmica se constituía talvez no único laço agregador do povo afegão, abrangendo 90% de sunitas e 9% de xiitas, ou seja, quase a totalidade da população é muçulmana (VISACRO, 2009).

Quando em 1978 o líder do PDPA, Mohammed Taraki, assumiu o poder e estabeleceu o comunismo no Afeganistão, a ex-URSS celeremente apoiou diplomaticamente reconhecendo o novo regime e prometendo toda sorte de ajuda. Havia, entretanto, uma dissidência no Partido<sup>14</sup>: os Khalq liderados por Taraki e Hafizullah Amin (1929-1979), ambos de origem campesina; e os Parcham liderados por Babrak Karmal (1929-1996) com maior influência no ambiente estudantil e urbano (VISACRO, 2009).

---

<sup>12</sup> Ver Anexo A - FIGURA 1 - Mapa étnico do Afeganistão em 1980.

<sup>13</sup> A distribuição em termos populacionais das principais etnias era a seguinte: Pashtuns (6,5 milhões); Tadjiques, (3,5 milhões); Uzbeques (1 milhão); Hazarás (870 mil); Airmaqs (800 mil); Farsiwan (600 mil); Brahuis (200 mil); Turcos (125 mil); Baluches (100 mil); e Nuristanis (100 mil). Fonte: *The Ethnic factor in Soviet-Afghan relations, Asian Survey, Vol 20, 1980, 237p.*

<sup>14</sup> Ver Anexo E - QUADRO 1 - Facções do Partido Democrático do Povo Afegão (PDPA).

Ao ascender ao poder, Taraki e seu braço direito Amin, posteriormente seu sucessor, adotaram abruptas reformas para implementar o socialismo praticamente da noite para o dia. Essa postura não agradou nem mesmo o governo soviético que, sabendo das peculiaridades dos povos muçulmanos, abordava a instauração do comunismo no leste europeu de maneira mais sutil (HAMMOND, 1984).

A tentativa de realizar uma reforma agrária, a extinção do dote para as noivas, a proibição de casamentos arranjados, dentre outras reformas, instigaram um forte antagonismo na população. Obviamente, as repercussões dessas medidas na população foram desastrosas. Mormente, a identificação do regime comunista com o ateísmo, provavelmente foi o principal fator de fraqueza do governo, dada a maioria esmagadora de muçulmanos da população, embora os governantes negassem adotar essa postura. Todavia, diante da rejeição do povo, o governo passou ao uso da força para reprimir a população (HAMMOND, 1984).

Na medida que as vilas e plantações eram destruídas na tentativa de subjugar a população, mais crescia a resistência desta ao novo regime, incluindo até mesmo um grande número de deserções de militares do Exército Afegão. Em março de 1979, os rebeldes conseguiram tomar o controle da cidade de Herat. Diante dessa vulnerabilidade crescente do regime, a ex-URSS se viu impelida a intervir para salvar a recém nascida república comunista afegã. Além dos mais de quatro mil e quinhentos conselheiros militares, enviaram também a partir de novembro daquele ano, diversos itens de suprimento e equipamentos, aeronaves e uma unidade especial para assumir o controle do aeroporto de Bagram, situado ao norte de Cabul. Moscou dava claros sinais de que caminhava na direção de uma massiva invasão (HAMMOND, 1984).

Esse breve panorama histórico do Afeganistão nos permite ascender a um patamar razoável de entendimento acerca da complexidade do seu povo, a natureza segmentada da sua

população e a conseqüente fragilidade política do governo central, associada à contrastante unidade religiosa proporcionada pelo islã. Assim, veremos a seguir que a resistência à tentativa de dominação da ex-URSS não seria diferente.

### **3.2 A invasão soviética e a contrainsurgência: O avanço do "*Grande Urso*<sup>15</sup>" sobre as montanhas afegãs**

Apenas no ano de 1995, dezesseis anos após a retirada do Exército da ex-URSS do solo afegão, valiosos registros do Departamento de História Militar da *Frunze Academy*<sup>16</sup>, tornaram-se acessíveis para o ocidente. Portanto, os fatos e diversas lições aprendidas, obtidas por meio de entrevistas daquele departamento aos veteranos que tomaram parte naquele conflito, constituem nossa principal fonte de consulta para analisar o objeto escolhido, bem como algumas importantes obras escritas a partir desses registros.

O interesse do líder soviético Leonid Ilitch Brejnev (1906-1982) em optar por uma intervenção militar no Afeganistão ia muito além de simplesmente atender a um pedido de socorro do frágil governo de Cabul. A presença do Exército Vermelho<sup>17</sup> naquela região lhe auferia significativas vantagens estratégicas, tais como: proteção do seu flanco sul, incremento de sua influência na Ásia, projeção sobre o Golfo Pérsico e Estreito de Hormuz, e por fim, exercia uma pressão contra a influência da Revolução Iraniana (1979) de se expandir

---

<sup>15</sup> Urso era a maneira como os britânicos se referiam ao Império russo desde o século XVI e que passou a ser um símbolo da ex-URSS.

<sup>16</sup> *Frunze Combined Arms Academy* (em russo: Военная академия им. М. В. Фрунзе) criada em 1924, é a escola de comando e estado-maior do Ministério da Defesa da Rússia. Está localizada em Moscou e sua denominação decorre de uma homenagem a Mikhail Frunze, famoso teórico militar soviético e Ministro da Defesa na década de 1920.

<sup>17</sup> O Exército Vermelho, na sua forma curta, ou Exército Vermelho dos Operários e dos Camponeses (em russo: Рабоче-крестьянская Красная армия - Rabotche-krest'yánskaya Krásnaya armiya) foi o exército da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, criado por Leon Trótski dos Bolcheviques em 1918 para defender o país durante a Guerra Civil Russa, sendo substituído pelo Exército Russo em 1991. Neste trabalho, esse termo será empregado para fazer referência a todas as tropas da ex-URSS que foram empregadas no Afeganistão durante o conflito de 1979 a 1989.

para os Estados de maioria muçulmana da ex-URSS, localizadas na Ásia Central e Cáucaso (VISACRO, 2009).

Em 25 de dezembro de 1979<sup>18</sup>, tropas soviéticas lideradas pelo Marechal Sergei Sokolov (1911-2012) invadiram Cabul e, após deporem Amin, entregaram o poder ao então exilado Babrak Karmal e estabeleceram assessores nos diversos níveis do governo. As tropas eram constituídas pela 105ª Divisão Aeroterrestre de Guardas, três divisões de infantaria motorizada, cinco brigadas e três regimentos do 40º Exército de Campanha, totalizando cerca de 115 mil soldados (HAMMOND, 1984).

A concepção da atuação militar soviética no Afeganistão estava baseada nos seguintes propósitos: estabilizar a situação daquele Estado por meio da segurança dos principais centros urbanos, rodovias, bases aéreas e centros logísticos; liberar as forças governamentais para combater a insurgência; prover apoio logístico, aéreo, de artilharia e de inteligência às forças do governo; prover a mínima interação das forças soviéticas com a população local; assegurar o mínimo possível de baixas de suas tropas; fortalecer as forças afegãs para, uma vez derrotada a insurgência, retirar as tropas soviéticas (GRAU, 2014).

Dada a incontestável superioridade numérica e material do Exército Vermelho, a fase de ocupação transcorreu rapidamente. Em poucos dias, o domínio dos objetivos estabelecidos e a tomada do governo já haviam sido consolidados, o que ocorreu logo após a morte de Amin por tropas especiais do “Grande Urso” (MATTHEWS, 2011). Como o foco deste trabalho está na contrainsurgência, não teceremos os pormenores da invasão em si.

Apesar do sucesso inicial, a ocupação inflamou ainda mais a população contra o governo fantoche recém estabelecido. Contudo, os líderes soviéticos estavam bastantes otimistas sobre o futuro da operação. Pensava-se que a simples presença de suas forças seria o

---

<sup>18</sup> Ver Anexo B - FIGURA 2 - Mapa da invasão soviética no Afeganistão em 1979.



bastante para desencorajar o movimento insurgente. Em Moscou, membros do alto escalão do *Politburo*<sup>19</sup> estavam confiantes e em sessão realizada no dia 28 de janeiro de 1980, emitiram diversas diretrizes e, por meio do Protocolo N° 181, recomendaram:

[...] a criação de oportunidades para representantes das tribos e minorias nacionais para participar com amplos direitos nos conselhos locais. O estabelecimento de contato para **negociações com líderes tribais e anciãos das diversas tribos com o Exército da República Democrática do Afeganistão** em busca de caminhos para alcançar o mais rapidamente o fim das hostilidades contra o governo [...] A elaboração de um plano de trabalho de longo prazo com o clero muçulmano que visa **atrair líderes muçulmanos moderados a cooperar com as autoridades, o isolamento de representantes de círculos clericais reacionários**, o estabelecimento de contatos com o clero xiita, e a inadmissibilidade de qualquer forma (inclusive econômica) de discriminação contra os xiitas. (CWIHP, 1996. Boletim 8/9. p.164. *The Soviet Union and Afghanistan, 1978 - 1989: Documents from Russian and German Archives*. Tradução e grifo nosso)<sup>20</sup>.

Como vimos, a intenção inicial da ex-URSS não era de confrontar diretamente os insurgentes, mas prover apoio às forças legais do governo afegão. Corroborando com essa abordagem, as diretrizes emanadas no nível político demonstravam uma articulação de medidas abrangentes e que não se restringiam apenas ao emprego militar. Havia uma expectativa de que melhorias na área econômica e social promoveriam uma legitimidade ao governo de Cabul. Por isso, concomitantemente ao desdobramento do 40º Exército, havia também outro “exército” de conselheiros nas esferas do governo para o restabelecimento das

---

<sup>19</sup> *Politburo* é um acrônimo derivado do russo transliterado *Politiúcheskoe Byurô*, contraído para *Politbyurô*, dando origem à palavra alemã *Politbüro*. Em russo: Политбюро Центральный комитет Коммунистической партии Советского Союза) foi o máximo órgão de governo e direção do Partido Comunista da União Soviética. Sigla em inglês: *Communist Party of the Soviet Union Central Committee* (CPSU - CC).

<sup>20</sup> Do original em inglês: “...the creation of opportunities for representatives of tribes and national minorities to participate with full rights in the work of the Dzhirgs and local councils. The establishment of contacts and the conducting of negotiations with the leaders and elders of the most warlike tribes in the DRA and the search for ways to achieve the quickest compromise on conditions for their ceasing the anti-government struggle[...]The working out of a long-term plan of work with the Moslem clergy which envisions attracting moderate Moslem leaders to cooperate with the authorities, the isolation of representatives of reactionary clerical circles, the establishment of contacts with the Shiite clergy, the inadmissibility of any form (including economic) of discrimination against Shiites.”

instituições, para atuar na coesão interna do PDPA, no relacionamento com a população e para a realização de reformas no setor agrícola.

Poucos meses após a invasão, a pressão de Babrak Karmal para que a tropa soviética se envolvesse na luta contra os *Mujahideen* aumentava e se tornava insustentável. O Exército Afegão enfrentava diversos problemas disciplinares, com unidades inteiras desertando e se unindo à resistência, demonstrando total incapacidade de combater com alguma eficiência os insurgentes.

Em fevereiro de 1980, manifestações violentas contra o governo em Cabul e Herat acabaram atacando comboios soviéticos e declararam a *Jihad*<sup>21</sup> contra os invasores. Essa postura dos insurgentes atraiu apoio de vários Estados muçulmanos que passaram a enviar suprimentos e abrigar guerrilheiros nas zonas fronteiriças. No último dia de fevereiro daquele ano, Moscou transmitiu nova ordem ao comandante do 40º Exército para iniciar operações para destruir o movimento insurgente juntamente com o Exército Afegão, caracterizando uma mudança nos planos originais (LYAKHOVSKY, 2004).

Seguindo-se a nova ordem, as tropas do 40º Exército se lançaram no combate contra os rebeldes. Em março daquele ano, desencadearam a primeira grande operação de contrainsurgência no Vale de Kunar, ao leste do Afeganistão. No entanto, as tropas soviéticas não estavam treinadas nem equipadas adequadamente para esse tipo de operação. Segundo Lester Grau (2014), grande parte das tropas era de forças blindadas e mecanizadas. Os principais problemas detectados foram: a estrutura excessivamente pesada das forças; deficiência de expertise tática nesse tipo de operação; não existência de uma doutrina de

---

<sup>21</sup> *Jihad* é um termo árabe que significa “luta”, “esforço” ou “empenho”. Ficou também conhecida como “guerra santa” a partir da década de 1970, quando alguns grupos islâmicos fundamentalistas passaram a empregar esse termo para declarar guerra contra invasores ocidentais ou contra judeus.

contrainsurgência; centralização das ações; falta de confiabilidade do Exército Afegão e sua fragmentada estrutura étnica.

Assim, de março de 1980 a meados de 1983, as operações seguiram um viés tradicional, aplicando a doutrina de combate regular já consolidada pelo Exército Vermelho nas estepes do leste europeu e Ásia Central. Após semanas de planejamento no nível de Divisão, a sequência geral era caracterizada por intenso bombardeio da área alvo por meio de aviões, helicópteros e mísseis; seguia-se o avanço das colunas mecanizadas pelas vias principais até os vales, sempre com o apoio de fogo cerrado. Essa abordagem visava cercar as forças rebeldes e destruí-las pelo fogo, obtendo uma vitória decisiva (MCMICHAEL, 1989).

Não obstante, essa doutrina convencional encontrou sérios obstáculos. O primeiro se refere ao ambiente operacional completamente diferente do qual havia sido concebida. A tropa se defrontou com condições climáticas severas e um terreno montanhoso<sup>22</sup> que restringia sobremaneira a mobilidade de seus meios. Ademais, a infraestrutura logística existente de rodovias e ferrovias era totalmente precária e subdesenvolvida. Como os efetivos eram de escalão Divisão, somados os aspectos citados, agravaram-se as condições de comando e controle, pois este era demasiadamente centralizado.

O segundo obstáculo foi a natureza irregular de seu oponente. O Exército Vermelho não combateu contra posições preparadas e ocupadas como estava acostumado. Encontrou um inimigo resiliente que evitava o confronto direto ou até mesmo se recusava a permanecer fixo no terreno quando as condições lhes eram desfavoráveis.

A manobra soviética deixava a tropa vulnerável a ataques surpresa e emboscadas dos *Mujahideen* que buscavam o combate aproximado, o que dificultava ao Exército se desdobrar para contra atacar. Em uma única operação, tropas do 40º Exército e do Exército

---

<sup>22</sup> Ver Anexo C - Mapa do Afeganistão.

Afegão somaram a estarrecedora marca de cerca de 3.000 baixas. Incapaz de manter uma presença permanente nas vilas, após desencadeadas as operações, o esforço principal ficou na manutenção das principais cidades, na segurança das vias de comunicação e bases aéreas, que ficou conhecida como “*highway war*”, e limitado à realização de operações específicas para destruir os insurgentes. Em meados de 1982, os generais soviéticos davam sinais de insatisfação e buscavam endurecer os ataques, e perceberam a necessidade de se alterar o *modus operandi*. Eles reconheceram a necessidade de separar os *Mujahideen* do resto da população e se inspiraram no preceito citado pelo líder comunista e revolucionário chinês Mao Tse Tung (1893-1976), cujo princípio preconizava que a vitória da guerrilha residiria em mover-se na população assim como o peixe nas águas. Os soviéticos decidiram então drenar “as águas” (GRAU, 2002). A famigerada estratégia da “terra arrasada”<sup>23</sup> entrou em cena.

Dessa forma, essa separação da população local que dava algum tipo de apoio aos guerrilheiros ocorreu por meio de uma devastação de vilas, pastos, rebanhos e plantações com o emprego massivo de bombardeios e até mesmo armas químicas. Essa estratégia causou milhares de baixas civis e forçou a população sobrevivente a se deslocar para os Estados vizinhos ocasionando mais de 7 milhões de refugiados.

Em que pese essa tática tenha de fato afetado a logística dos *Mujahideen*, pois passaram a ter que transportar seus suprimentos pelas montanhas, os indícios apontaram que não foi uma boa maneira de conquistar “corações e mentes” junto à população afegã. Indubitavelmente, essa abordagem demoveu qualquer simpatia às tentativas de reconstrução e

---

<sup>23</sup> A estratégia da “terra arrasada” era normalmente empregada em manobras de retardamento visando trocar espaço por tempo, sendo o espaço destruído a medida que se retraía. Essa tática foi adotada na resistência soviética à invasão das tropas nazistas durante a Segunda Guerra Mundial (SGM), por exemplo. No caso abordado, o termo também foi empregado para caracterizar os intensos bombardeios antes do avanço da tropa terrestre nas áreas dominadas pelos guerrilheiros.

desenvolvimento de um governo estável. De algum modo, as operações militares apresentavam total desconexão com os esforços e diretrizes políticas do governo soviético.

Nos *briefings* operacionais com a tropa, os soldados eram instruídos a considerar cada afegão, incluindo mulheres e crianças, como um inimigo em potencial. Alguns oficiais demonstravam explicitamente um desprezo pela população na frente de seus soldados, se referindo aos afegãos como humanos selvagens e primitivos. Obviamente a reação da tropa era contagiada por esses maus exemplos de atitude, ocasionando certa altivez em relação ao povo local, e em alguns casos inspirou uma postura de indignação, deserções e até mesmo venda de armas para a guerrilha (ALEXIEV, 1988).

Em carta ao “Kremlin<sup>24</sup>”, um dos conselheiros políticos no Afeganistão afirmou:

As operações tornaram-se de caráter policial, com medidas punitivas e, como resultado, fomos impelidos para uma guerra com a população sem perspectivas de um resultado positivo. Os atos desumanos das tropas soviéticas em relação à população pacífica são generalizados e sistemáticos e manifestam-se sob a forma de roubo, uso injustificado e infundado de armas de fogo, destruição de aldeias e desonra de mesquitas (Artemy Kalinovsky, *The Blind Leading the Blind: Soviet Advisors, Counter-Insurgency and Nation-Building in Afghanistan*, Woodrow Wilson International Center for Scholars, Cold War International History Project, Working Paper No. 60 (January 2010), 2. Disponível em <[http://wilsoncenter.org/index.cfm?topic\\_id=1409&fuseaction=topics.publications&group\\_id=11901](http://wilsoncenter.org/index.cfm?topic_id=1409&fuseaction=topics.publications&group_id=11901)>. Acesso em 11 de junho de 2018. Tradução nossa)<sup>25</sup>.

Segundo o historiador russo Artemy Kalinosvky (2010), a ajuda econômica e as ações de desenvolvimento tendem a ser minadas pela destruição massiva desencadeada por armas modernas em nome do governo legalmente constituído. Líderes militares em Moscou se atentaram para a necessidade de desenvolver uma doutrina de contrainsurgência e que o problema do Afeganistão não seria resolvido apenas pelos meios militares, porém tardaram

---

<sup>24</sup> Referência à sede do poder político soviético.

<sup>25</sup> No original em inglês: “*The operations have become of a police character, with punitive measures, and as a result we have been pulled in to a war with the people with no prospects of a positive outcome. Inhumane acts by Soviet troops with regard to the peaceful population are widespread and systematic and manifest themselves in the form of robbery, unjustified and unfounded use of firearms, destruction of villages, [and] dishonoring mosques.*”

em reconhecer que as táticas empregadas até então haviam tornado a situação pior do que poderiam imaginar. Os pesados métodos e bombardeios haviam multiplicado o número de jovens aderindo à causa *Mujahideen*.

Em 1983, os soviéticos colocaram em prática uma nova abordagem para sua contrainsurgência. Durante os primeiros anos do conflito, os líderes militares perceberam a importância da influência do terreno, do clima e da necessidade de descentralização das ações, atuando em operações noturnas por meio de uma tropa leve de infantaria. Para se adequar às novas mudanças, o 40º Exército, que tinha até então grande efetivo de conscritos inexperientes, foi remodelado substituindo algumas unidades mecanizadas e pelo reforço de tropas eminentemente de infantaria treinadas em assalto aeromóvel (*Desantno-Shturmovaya Brigada - DShB*), tropas pára-quedistas (*Vozdushno-Desantnaya Voiska - VDV*), unidades de reconhecimento especializado (*Razvedchiki*) e Forças Especiais (*Spetsnaz*)<sup>26</sup>. Esses efetivos especializados eram em torno de 23.000 militares e passaram a nuclear os esforços de contrainsurgência. Essas forças perfaziam cerca de 15 a 20% do efetivo total da tropa (MCMICHAEL, 1991).

Como era esperado, os resultados decorrentes das novas táticas começaram a render bons frutos contra a guerrilha. O emprego coordenado de reconhecimento das posições inimigas, a utilização de helicópteros para desembarcar tropas em posições dominantes no terreno, bem como a obtenção da surpresa nas operações, passaram a causar severas perdas nos rebeldes. No entanto, a nova abordagem insistia em permanecer completamente desconectada das tentativas de reconstrução daquele Estado (KALINOVSKY, 2010).

---

<sup>26</sup> *Spetsnaz* são Forças de Operações Especiais compostas por militares altamente selecionados e treinados para execução de ampla gama de tarefas, dentre as quais destacam-se: reconhecimento especial de longo alcance, ações comandos e de Forças Especiais (Grau, Lester K.. *The Bear Went Over The Mountain: Soviet Combat Tactics In Afghanistan* [Illustrated Edition] (Locais do Kindle 288). Tannenber Publishing. Edição do Kindle.

O esforço despendido nas operações de reconhecimento e levantamento de inteligência sobre as bases guerrilheiras, passou a resultar em ações bem sucedidas pelas tropas *DShB* e *VDV*. Por outro lado, mesmo obtendo a vitória tática e a conquista de diversos vilarejos, as tropas não permaneciam e logo as vilas retornavam à influência e controle dos rebeldes.

As operações passaram a ter uma estrutura de comando e controle mais descentralizada e buscava privilegiar o combate aproximado com uma natureza de tropa leve e dotada de grande mobilidade e apoio provida por helicópteros. Entretanto, em 1986 a soberania soviética no ar passou a ser ameaçada com o surgimento dos mísseis portáteis anti-aéreo *STINGER* e *BLOWPIPE* que os rebeldes começavam a receber dos EUA e do Reino Unido, respectivamente. De posse do novo armamento, os *Mujahideen* criaram nova ruptura aos êxitos soviéticos e voltaram a equilibrar o combate, abatendo cerca de 270 aeronaves entre outubro 1986 e setembro de 1987. Um novo desafio estava posto à contrainsurgência para se contrapor a mais esse revés (ALEXIEV, 1988).

No âmbito político, os conselheiros soviéticos junto ao governo afegão tentavam implementar medidas para obter uma coesão social e assim atrair o apoio da população. A abordagem ideológica tinha como pilares a coletivização da agricultura, a emancipação da mulher, o fortalecimento das instituições do Estado, a universalização da educação e a igualdade entre as etnias (MINKOV; SMOLYNEC, 2010).

Os conselheiros aportavam grande importância à educação como um projeto de longo prazo de consolidação do novo regime. Introduziram o idioma russo nas escolas e universidades afegãs e patrocinavam programas de envio de jovens para estudar alguns períodos na ex-URSS e em outros Estados satélites. Até 1989, mais de 10.000 estudantes participaram desses programas e regressavam com a promessa de emprego em cargos do

governo. Por outro lado, os *Mujahideen* também perceberam a importância da educação para a expansão do comunismo e desencadearam ataques para destruir escolas localizadas nas zonas rurais. Em 1982, os rebeldes haviam destruído cerca de 1.812 escolas primárias, o que representava 86% das escolas situadas nessas regiões (MINKOV; SMOLYNEC, 2010).

Os esforços de sovietação da população não logravam praticamente nenhum avanço fora dos centros urbanos. O estabelecimento de feriado para celebrar a Revolução Russa (1917) era um exemplo disso. Houve também a tentativa de integrar líderes religiosos, conhecidos como *Ulama*<sup>27</sup>, que tinham significativo poder de influência, à semelhança do que fora realizado pela ex-URSS nas repúblicas soviéticas da Ásia Central. A criação de um Conselho de *Ulama* e a realização de conferências e distribuição de cupons de comida chegou a atrair aproximadamente 20.000 líderes religiosos, contudo, a grande maioria permanecia fora do sistema proposto. Tais medidas contrariavam diretamente as tradições e valores altamente segmentados e rudimentares da cultura religiosa da população afegã (MINKOV; SMOLYNEC, 2010).

Na busca por uma maior aproximação com a população da zona rural, os estrategistas estabeleceram um grupo para conduzir uma campanha de propaganda, que podemos chamar de operações psicológicas. Essas unidades eram conhecidas como *Agitprop*<sup>28</sup>. A constituição desses grupos era de destacamentos mistos de militares e civis soviéticos e afegãos. Havia dentre eles médicos, enfermeiros e ativistas políticos, estes últimos em sua maioria afegãos. A atuação desse grupo foi proposta desde 1981 por

---

<sup>27</sup> Conhecer sobre ou estar ciente de. Origem na língua árabe: *'alima*. O termo denota sobre estudiosos de ciências religiosas para desempenhar funções que requerem conhecimentos no assunto. Fonte: See Gilliot, Cl., Repp, R. C., Nizami, K. A., Hooker, M. B., Lin, C.-K., Hunwick, J. O. (1988). "Ulama," *Encyclopaedia of Islam*, Brill Online.

<sup>28</sup> Agitação e Propaganda. Acrônimo originado do russo: *agitatsii i propaganda*.



conselheiros mas sofreu considerável resistência no seio militar, o que só foi revertido após os resultados positivos alcançados em 1982 (MINKOV; SMOLYNEC, 2010).

A atuação do *Agitprop* visava divulgar nas vilas os trabalhos desenvolvidos pelo governo, bem como organizar reuniões, distribuir alimentos, medicamentos e promover a sovietaização da sociedade. Suas ações provaram ser muito úteis para reconhecimentos e negociações com chefes tribais e até mesmo com comandantes *Mujahideen*. No período de 1981 a 1989, o *Agitprop* proveu assistência médica a aproximadamente 400.000 camponeses e distribuiu alimentos e outros suprimentos a mais de 1 milhão de afegãos. Embora esses números pareçam grandes, representavam apenas de 12 a 15% da população rural (MINKOV; SMOLYNEC, 2010).

Somente em 1986, as ações do *Agitprop* alçaram um nível de coordenação com as operações militares, passando a serem desencadeadas após uma ação ofensiva visando preparar o terreno para a criação de órgãos administrativos locais e de policiamento. Essas ações tinham que ocorrer com certa brevidade pois os rebeldes costumavam recuperar o território perdido num prazo médio de 15 a 20 dias. Entretanto, as atividades do *Agitprop* eram altamente enfraquecidas pela corrupção de seus agentes que muitas vezes concediam as ajudas em troca de benefícios junto a mercadores (MINKOV; SMOLYNEC, 2010).

A qualidade do pessoal envolvido nessas ações era um fator crítico para o sucesso. Em algumas situações os habitantes locais os viam como estranhos e recusavam a ajuda. Em outros casos, particularmente quando havia oficiais soviéticos de origem étnica centro asiática, havia uma empatia em respeito aos costumes locais dos camponeses e aí se observava algum êxito. De modo geral, o *Agitprop* pode ser avaliado como muito benéfico para reduzir a hostilidade ao governo e às tropas soviéticas. Para a infelicidade da ex-URSS, essa percepção ocorreu tardiamente (MINKOV; SMOLYNEC, 2010).

Ao assumir a liderança da ex-URSS em 1985, Mikhail Gorbachev (1931- ) enfrentava sérios problemas internos e a insatisfação com a Guerra no Afeganistão que já se arrastava por seis anos e trazia consigo o temor de amargar o mesmo fim que os EUA tiveram na Guerra do Vietnã. Os líderes políticos se viram numa terrível encruzilhada ao verificar que sua força estava com um “sangramento constante” e sem obter uma vitória decisiva. Em 1988, o general Alexander Lyakhovsky reconheceu em carta do *Politburo* sobre o impasse:

Temos que admitir que colocamos nossas apostas essencialmente na solução militar, pela supressão da força contrainsurgente. Nós não utilizamos as oportunidades existentes para a neutralização das atitudes hostis da população em relação a nós (*Document 21, CC CPSU Letter on Afghanistan, Tragedy and Valor of Afghanistan*. 1988. Tradução nossa)<sup>29</sup>.

Nesse sentido, Gorbachev passou a buscar uma saída honrosa para o Exército Vermelho. De fato, mesmo tendo alterado significativamente a abordagem e a postura da tropa resultando em maior eficiência nas ações de contrainsurgência, era difícil vislumbrar que tais mudanças reverteriam celeremente os desastrosos impactos ocasionados nos primeiros anos da guerra.

Passaremos agora a tratar dos aspectos do movimento insurgente e os resultados do conflito.

### 3.3 A resistência *Mujahideen* e os resultados da Guerra

Como vimos, a resistência afegã foi originada pela característica fragmentada da população. Seu *modus operandi* era diferente em cada vale, vila e tribo e não havia uma articulação nacional ou ideológica, e sim um profundo comprometimento local que se estendia à tribo e à família. Essa característica populacional era, indubitavelmente, o principal

---

<sup>29</sup> Em inglês: “One has to admit that essentially we put our bets on the military solution, on suppressing the counterrevolution with force. We did not even fully use the existing opportunities for neutralization of the hostile attitudes of the local population towards us.”

fator de força dos insurgentes e fonte de lealdade dos seus integrantes, pois tinham as mesmas raízes.

Consequentemente, suas táticas refletiam essa falta de coesão central. Apenas 15% dos seus integrantes eram originados de um passado na profissão militar. Por outro lado, o sistema de serviço militar obrigatório do Afeganistão estabelecia que todo jovem de vinte e dois anos deveria servir por dois anos ao Exército. De alguma maneira isso dava um conhecimento básico aos guerrilheiros. Certamente, os *Mujahideen* não eram um retrato similar ao modelo de guerrilha de Mao Tse Tung ou Nguyen Giap (1911-2013). Sua preocupação não residia em impor uma ideologia. Pelo contrário, eles lutavam pelo seu clã e seus costumes religiosos contra o invasor externo e um sistema ideologicamente ateuista (JALALI, 2012).

Os comandantes dos diversos grupos pulverizados nas zonas rurais, eram pessoas que já exerciam alguma influência junto aos camponeses locais. Quando a rebelião se alastrou pelo país, foi com base no sistema tribal existente. Porém, após a invasão externa, os Estados vizinhos do Paquistão e Irã se mobilizaram para prover apoio aos *Mujahideen*. Os EUA, China, Arábia Saudita, Egito e Emirados Árabes passaram também a fluir suporte financeiro e militar por meio da fronteira com o Paquistão, que também servia de “santuário” aos rebeldes. Esse apoio deu aos insurgentes uma nova capacidade de exercer suas ações tanto contra o invasor como junto à população (JALALI, 2012).

De modo geral, segundo o estudioso e ex-coronel do Exército Afegão Ali Ahmed Jalali (1940- ) em sua obra *The other Side of the Mountain*<sup>30</sup>, os rebeldes atuavam conforme as táticas herdadas pelos seus ancestrais, com emboscadas nas linhas de comunicação do

---

<sup>30</sup> Ali Jalali foi membro da resistência e atuou como jornalista durante o conflito. Escreveu esta obra a partir de sua experiência pessoal e de entrevistas a vários *mujahideen*. Hoje trabalha como jornalista especialista em Afeganistão e Ásia Central há mais de quinze anos. (Jalali, Ali Ahmad. *The Other Side of the Mountain: Mujahideen Tactics in the Soviet-Afghan War* (Locais do Kindle 297-298). Tales End Press. Edição do Kindle.

inimigo. Com poder de combate incontestavelmente inferior, não visavam destruir o inimigo mas causar a morte a partir de “milhares de cortes” desferidos em seu oponente.

O efetivo de insurgentes combatentes girava em torno de 80.000 afegãos organizados em centenas de pequenos grupos que variavam de 20 a 50 homens que atuavam ao longo das remotas vilas e também nas principais cidades. Portavam seus fuzis e uma quantidade limitada de metralhadoras, morteiros 107mm e 122mm e lançadores de foguete portáteis. A dispersão desses pequenos grupos exigia grande esforço do inimigo, além de prover segurança aos *Mujahideen* (MCMICHAEL, 1989).

Em termos numéricos, os resultados da guerra foram os seguintes: dos cerca de 642.000 soviéticos que serviram no Afeganistão no decorrer do conflito, 520.000 eram militares, 90.000 da KGB e 5.000 eram civis; dentre esses, 13.833 morreram em combate, 469.685 foram feridos e fora de combate devido às péssimas condições sanitárias e 10.751 ficaram inválidos; tiveram ainda 118 aviões, 333 helicópteros destruídos, além de 147 carros de combate, 1.314 viaturas blindadas, 433 peças de artilharia e morteiros, 1.138 rádios, 510 viaturas de engenharia e 11.369 caminhões. Do lado afegão, cerca de 1,3 milhões de pessoas morreram; outros 5 milhões se tornaram refugiados e 2 milhões foram deslocados de suas áreas de origem (GRAU, 2014).

Em 13 de agosto de 1987, por meio de carta ao Ministro da Defesa da ex-URSS, Marechal Dimitri Yazov (1924- ), o Coronel Kim Tsagolov admitiu:

A experiência dos últimos anos demonstrou claramente que o problema do Afeganistão não pode ser resolvido somente pelos meios militares. Dentro da estrutura do pensamento antigo, abordagens antigas estamos fadados ao resultado final negativo na República

Democrática do Afeganistão (Alexander Lyakhovsky, *The Tragedy and Valor of Afghan*, Iskon, Moscow 1995, p. 344. Tradução nossa)<sup>31</sup>.

Decorridos longos dez anos desde a invasão soviética, os decisores perceberam que mesmo sendo capazes de vencer os guerrilheiros no campo de batalha, estes estariam sempre lá para confrontá-los indefinidamente, vez após vez. Em outubro de 1988, a ex-URSS inicia o processo de retirada de suas tropas do solo afegão encerrando a saída de seu último contingente em fevereiro de 1989<sup>32</sup>.

As táticas convencionais inicialmente empregadas e as tentativas de aproximação junto à população idealizadas resultaram em um grave revés. A ausência de uma doutrina de contrainsurgência levou a criação de uma por meio da tentativa e erro, que incrementou a eficiência das operações e teve seus méritos práticos no campo de batalha. Entretanto, a desconexão das operações militares com as ações civis não produziu nenhuma sinergia, mas contribuiu para incentivar a rejeição do povo afegão em relação a presença soviética e ao novo regime político.

Depreendemos, portanto, que a peculiaridade multifacetada da população afegã aportou significativa contribuição para derrotar seus invasores não em números absolutos, mas pelo seu desgaste contínuo. Adicionalmente, constatamos que tais características foram elementos que facilitaram sobremaneira a formação de movimentos insurgentes contra o governo vigente.

No capítulo seguinte desenvolveremos uma análise do objeto de estudo descrito à luz do modelo teórico de David Galula.

---

<sup>31</sup> Em inglês: “*The experience of the past years clearly shows that the Afghan problem cannot be solved by military means only. Within the framework of the old thinking, old approaches we are doomed to [a] negative end result in the Democratic Republic of Afghanistan (DRA).*” (Versão traduzida por Svetlana Savranskaya, *The National Security Archive*. Disponível em: <<https://nsarchive2.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB272/Doc%209%201987-08-13%20Tsagolov%20letter.pdf>>. Acesso em 23 de junho de 2018).

<sup>32</sup> Ver Anexo D - Foto da retirada das tropas soviéticas do Afeganistão.

## **4 O MODELO DE GALULA *VERSUS* A CONTRAINSURGÊNCIA SOVIÉTICA**

Nos capítulos anteriores, selecionamos alguns aspectos do modelo teórico de David Galula, com ênfase na variável “população”. Dessa mesma forma, estudamos como se desenvolveu a contrainsurgência soviética contra os guerrilheiros *Mujahideen*, no conflito ocorrido entre 1979 a 1989.

Doravante, faremos uma análise do caso escolhido em confronto com os aspectos da teoria apresentada com o objetivo de depurar as semelhanças e divergências.

### **4.1 As Leis da Contrainsurgência e a abordagem da ex-URSS**

Analisaremos nesta seção as diferentes fases do conflito buscando correlacionar sua aderência ou não às quatro leis da contrainsurgência propostas por Galula.

A primeira lei aponta para o apoio da população como o “centro de gravidade” da campanha, sendo de grande relevância tanto para o insurgente como para o contrainsurgente. Estabelece como principal desafio ao contrainsurgente obter esse apoio para evitar a influência de células políticas e unidades guerrilheiras após a expulsão destas de determinada área.

No caso escolhido, verificamos que não havia a intenção inicial de combater diretamente os rebeldes, mas sim de apoiar e fortalecer o Exército Afegão para tal. As diretrizes políticas emanadas pelo *Politburo* davam claras orientações para se obter o apoio da população envolvendo líderes religiosos e tribais. Contudo, as idiossincrasias culturais e étnicas do povo afegão que o afastavam de uma coesão política proposta pelo novo regime do governo central, foram agravadas pela invasão soviética, como ocorrera em momentos anteriores de sua história. A inconsistência do Exército Afegão que se desmantelava por

deserções em massa, em poucos meses impeliu as tropas da ex-URSS a combater os insurgentes. Podemos, portanto, afirmar que inicialmente houve uma aderência das intenções políticas da ex-URSS à primeira lei. Por outro lado, devido a inexistência doutrinária de contrainsurgência e a inadequação de meios e preparo do 40º Exército para esse tipo de combate, identificamos um profundo distanciamento da busca pelo apoio da população em detrimento da obsessão em destruir o inimigo.

A segunda lei estabelece que o apoio da população é conquistado quando se assegura o controle de uma minoria ativa. Nesse aspecto, identificamos algumas iniciativas adotadas nessa direção: a doutrinação de jovens estudantes; a tentativa de envolvimento de líderes religiosos *Ulama*, chefes e anciãos de tribos e clãs; e a articulação dessas e outras medidas por meio de assessores e conselheiros políticos no governo. Todavia, essas iniciativas sofreram forte revés devido à rejeição da população, de maioria muçulmana, ao comunismo e sua inevitável associação a um sistema ateu. As ações para obtenção do apoio da minoria ativa eram concentradas, em sua maior parte, nos centros urbanos aonde, justamente, já havia algum apoio. Em segundo plano, era relegada uma aproximação efetiva da população rural, cuja prioridade deveria ser maior, dada a sua capilaridade.

Observando a terceira lei, destacamos que o apoio de colaboradores é condicional e garantido pela determinação e capacidade da força contrainsurgente de vencer a rebelião. Esse princípio prevê uma integração de esforços militares e políticos que garantam a segurança da população em relação ao insurgente. Nesse quesito, constatamos um descolamento total da atuação das tropas soviéticas. Após o engajamento direto de suas forças no combate aos *Mujahideen*, fica clara a falta de conexão das operações militares com as ações políticas no âmbito civil, o que acabou por erradicar qualquer possibilidade de obtenção do referido apoio, ocasionando de fato um efeito reverso.

Por fim, a quarta lei indica a intensidade e a magnitude dos esforços da força contrainsurgente. O dimensionamento deve ser cuidadosamente planejado e expandido segundo os oito passos de sua teoria, até alcançar todas as províncias e regiões do Estado. Aqui destacamos que, nas diferentes fases que se desenrolou a contrainsurgência soviética no Afeganistão, não vislumbrou-se uma ocupação permanente das áreas sob influência dos guerrilheiros. Mesmo tendo mudado o *modus operandi*, o objetivo das operações esteve a todo momento centrado em destruir as forças rebeldes e cortar suas linhas de comunicações logísticas. Contudo, mesmo logrando êxitos táticos em diversas batalhas, as forças não permaneciam nas vilas e bastavam alguns dias para o local voltar a ser dominado pela guerrilha.

Realizado o confronto da teoria de Galula versus a realidade da contrainsurgência soviética no Afeganistão, depreendemos a tamanha relevância do papel da população afegã como fator decisivo para o fracasso das tropas da ex-URSS. O engajamento não previsto inicialmente e, por que não dizer, improvisado para combater os insurgentes custou um alto preço ao Exército Vermelho.

De forma sintética, podemos comparar a contrainsurgência em seus dois momentos distintos, com as leis do modelo teórico de Galula. Dessa forma, foi possível verificar que as intenções do nível político de angariar o apoio da população não se converteram em ações práticas de maneira eficiente. Pelo contrário, as operações militares seguiam um caminho apartado das ações de reconstrução do Afeganistão e das demais iniciativas sociais, ao passo que deveriam ser interdependentes como prevê o pressuposto teórico. Assim, essa desconexão observada entre os interesses políticos e ações militares nos permite concluir que houve uma aderência parcial por parte da contrainsurgência soviética às leis de contrainsurgência estudadas.



Na próxima seção, buscaremos elucidar com mais detalhes o desdobramento da contrainsurgência.

#### **4.2 O emprego tático proposto por Galula e a experiência soviética no Afeganistão**

Os oito passos prescritos na teoria de contrainsurgência do coronel Galula derivam dos princípios estabelecidos nas quatro leis já abordadas na seção anterior. Esses passos delineiam a flexibilidade e versatilidade que a tropa deve gozar para combater, com alguma chance de sucesso, um inimigo difuso e, por vezes, invisível.

Nesta seção, buscaremos analisar o desdobramento das tropas do 40º Exército à luz dessas etapas.

O primeiro passo tem sua essência na concentração de contingente de tropa suficiente para expulsar ou destruir o corpo principal dos insurgentes, devendo dispor de uma tropa leve e com grande mobilidade. Observamos que a contrainsurgência soviética no Afeganistão se desenrolou em dois períodos bem distintos. Em um primeiro momento, que abrangeu o período de 1980 a 1983, o combate aos rebeldes seguiu os moldes convencionais com uma tropa eminentemente mecanizada, sem o apoio de uma doutrina específica. As operações eram em grande escala e com estrutura de comando e controle centralizada. Os resultados dessa improvisação foram desastrosos para o Exército Vermelho. Por outro lado, no período de 1983 a 1988, houve uma profunda mudança no *modus operandi*. Centenas de carros de combate e viaturas antiaéreas foram substituídos por helicópteros e tropas leves de infantaria (*DShB*), unidades pára-quedistas (*VDV*), de reconhecimento e de Forças Especiais (*SpetzNaz*), as quais passaram a conduzir as operações explorando a mobilidade e a surpresa. No entanto, seus efetivos eram apenas 15 a 20% do contingente soviético. Ainda assim, houve

significativo incremento na eficiência das operações de combate aos guerrilheiros nesse período.

O segundo passo orienta destacar tropas para manter as áreas conquistadas junto aos vilarejos. Nesse momento, deve haver um direcionamento da atenção para a população em detrimento dos insurgentes, com o objetivo de apoiar as ações subsequentes de caráter civil-militar. O que podemos observar no conflito em tela foi um total distanciamento desse objetivo. Inicialmente, a intenção era de apenas apoiar o Exército Afegão, porém, mesmo após a mudança dos planos originais que resultou no engajamento direto contra os rebeldes, não vislumbrou-se o estabelecimento de guarnições estáticas junto às vilas onde a população rural vivia. A tropa permaneceu concentrada em suas bases, nos grandes centros urbanos. Adicionalmente, outras ações como dos grupos *Agitprop*, que tinham o propósito de conduzir operações psicológicas, ocorriam de maneira estanque e sem a devida coordenação com as demais operações militares.

Em seguida, o terceiro passo prevê o contato com a população de modo a controlar seu movimento e impedir seu contato com a guerrilha. Essa etapa deve ter como objetivos o restabelecimento da autoridade sobre a população e o isolamento físico da população das forças insurgentes. Analisando cuidadosamente esse quesito, identificamos que houve uma preocupação dos generais soviéticos em isolar os *Mujahideen* da população. A extrema dificuldade de combater um inimigo que se vale da sua capacidade de imiscuir-se na população oferecia grande vantagem aos guerrilheiros. Ao decidir “drenar as águas”, o Exército Vermelho aplicou a estratégia da “terra arrasada” bombardeando vilas, pastos e plantações, forçando a saída da população, o que de fato ocorreu. Contudo, essa medida gerou milhares de mortes de civis, além de aproximadamente 7 milhões de refugiados afegãos que se deslocaram para Estados vizinhos, principalmente para o Paquistão. Os danos para a

campanha foram catastróficos. Ademais, vimos também a falta de sensibilidade da tropa no trato com a população, tendo ocasionado sérios problemas disciplinares nos níveis mais baixos e até deserções e tráfico de armas para a guerrilha. Como consequência, os *Mujahideen* potencializaram sua capacidade de recrutamento.

O quarto passo foca na destruição das organizações políticas, onde o maior esforço se concentra em ações predominantemente policiais e de inteligência. Nesse sentido, não identificamos uma organização política por parte dos *Mujahideen*, pois estes seguiam os padrões clânicos da população e não apresentava uma articulação política. Assim, concluímos que os esforços dos assessores soviéticos estavam voltados, portanto, para buscar uma coesão interna do PDPA.

O quinto passo visa instituir novas autoridades, por meio de eleições. Considerando-se que a intervenção militar da ex-URSS visava prover apoio ao governo já estabelecido, não encontramos paralelo a essa questão.

O sexto passo objetiva testar a capacidade dessas autoridades e organizar unidades de defesa local. Constatamos que a elevada fragilidade do governo associada à falta de efetividade das ações de reconstrução e sovietação da população, resultou na dificuldade de assegurar sua legitimidade junto ao povo afegão. Portanto, o governo permaneceu como um “estranho” *vis-à-vis* a população de modo geral, excetuando-se sua parcela urbana.

O sétimo passo preconiza agrupar e educar líderes num movimento político nacional. Referente a este passo, já havia um partido político comunista constituído cuja liderança era apoiada pelos assessores da ex-URSS. Todavia, a fragmentação étnica e a falta de sentimento nacional da maioria da população, dificultaram sobremaneira que a implantação do regime comunista fosse aceita pelo povo afegão. Os responsáveis pelos programas de integração dos líderes religiosos *Ulama* enfraqueceram essa iniciativa graças à

comportamentos corruptos que se valiam dos meios disponíveis para benefício e interesses próprios. Adicionalmente, a doutrinação vislumbrada por meio da educação, também não foi adiante devido a destruição de 86% das escolas primárias situadas nas zonas rurais pelos guerrilheiros. Assim, os esforços de integrar os *Ulama*, bem como os investimentos em educação para doutrinação política da população não lograram nenhum avanço significativo.

Por fim, o oitavo passo visa conquistar ou suprimir os últimos grupos rebeldes residuais. Após quase dez anos de conflito e diante de um cenário tão desfavorável, a ex-URSS havia se convencido de que não teria condições de prolongar seus esforços e recursos. O 40º Exército acabou por retirar suas tropas a partir de 1988. De fato, a campanha esteve longe de chegar no estágio em lide.

Ao compararmos as evidências observadas no emprego da contrainsurgência da ex-URSS com os oito passos da teoria, verificamos que a letargia doutrinária constituiu-se em um fator preponderante para a derrota soviética. O emprego de bombardeio para separar a população dos guerrilheiros teve graves consequências para o resto da guerra, dando mais impulsão ao movimento insurgente. Outrossim, mesmo após a mudança de procedimentos e o emprego de tropas especializadas que redundaram em vitórias táticas nos vales e montanhas afegãs, o efetivo de tropa não era suficiente para manter essas regiões conquistadas. Além disso, vimos que os graves erros cometidos no início da guerra geraram impactos difíceis de serem revertidos, mesmo diante de mudanças na condução da campanha, tanto no campo militar como no político.

Portanto, a execução de operações pontuais nas zonas rurais sem uma presença permanente, atuante e integrada com ações de outras naturezas, como operações psicológicas e de assistência à população, demonstrou-se ineficiente no combate aos *Mujahideen*. Logo,

esses aspectos levantados não guardaram aderência aos passos sugeridos na teoria selecionada.

Tendo chegado ao final do desenvolvimento do trabalho, faremos uma síntese no último capítulo para apresentar as conclusões da pesquisa.

## 5 CONCLUSÃO

Com o desafio de trazer à reflexão sobre o instigante fenômeno da guerra irregular – quando o mais fraco vence o mais forte – buscamos neste trabalho analisar a realidade da contrainsurgência soviética no Afeganistão, no período de 1979 a 1989. Escolhemos como amparo teórico as leis formuladas por David Galula e suas recomendações para o contrainsurgente.

Para atingir nosso objetivo, a pesquisa foi estruturada em três capítulos de desenvolvimento. Um capítulo destinou-se à apresentação de alguns conceitos importantes sobre guerra irregular e ao estudo da teoria de contrainsurgência selecionada. No capítulo seguinte, estudamos o emprego das tropas da ex-URSS no combate aos guerrilheiros *Mujahideen* no Afeganistão e, por fim, dedicamos um capítulo para perscrutar o objeto de pesquisa à luz do modelo teórico, buscando concluir acerca da comparação realizada.

Ao nos debruçarmos sobre a teoria de contrainsurgência de David Galula no capítulo dois deste trabalho, realizamos também algumas apropriações de conceitos atinentes ao tema que corroboram para um melhor entendimento. Outrossim, identificamos como ênfase principal em seu modelo teórico a variável população, indicada como “centro de gravidade” da Guerra Irregular sendo, por conseguinte, a essência das leis por ele postuladas.

No capítulo três, buscamos aprofundar o entendimento sobre o conflito que a ex-URSS se envolveu no Afeganistão. Fez-se mister estudarmos sobre os principais antecedentes históricos ocorridos naquela região e as peculiaridades do povo afegão, para a partir daí, dissecarmos como os interesses da ex-URSS culminaram na invasão militar em 1979 e o posterior combate aos insurgentes no Afeganistão, em suas diferentes fases. Analisamos também os fatores que favoreceram o surgimento e fortalecimento da insurgência, suas

principais características e, por fim, os resultados do conflito até a retirada das tropas soviéticas em 1989.

No capítulo quatro, realizamos o confronto da teoria com a realidade em tela e verificamos alguns pontos de aderência e outros de pleno distanciamento. Por oportuno, avulta de importância salientar que os valiosos princípios abordados por Galula já se encontravam disponíveis à época, porém, possivelmente não despertaram a atenção dos responsáveis pela doutrina do Exército Vermelho, cuja vasta experiência de guerra certamente o credenciava como, no mínimo, o segundo melhor exército do mundo bipolar da Guerra Fria.

Cumpramos recordar que a fragmentação do sistema social clânico da população do Afeganistão se contrapunha à sua praticamente homogênea unidade religiosa. Estes dois fatores conjugados assinalavam a fragilidade nacional e, conseqüentemente, a dificuldade de controle que o governo central recém adepto ao comunismo teria de enfrentar.

Identificamos também que, em alguma medida, a ex-URSS tinha consciência dessas especificidades que permeavam o Afeganistão e, por essa razão, não tinha interesse em envolver-se diretamente no combate aos rebeldes, mas prover apoio ao Exército Afegão. Contudo, devido à inconsistência daquele exército, os planos foram alterados e o 40º Exército se desdobrou na contrainsurgência sem o treinamento e os meios adequados para tal desafio. De fato, sequer havia uma doutrina formalmente estabelecida e a abordagem se deu segundo a doutrina de guerra convencional. Foram necessários três anos de péssimos resultados para que houvesse uma adaptação ao tipo de conflito e ao ambiente operacional montanhoso e árido. A atuação exitosa com uma tropa dotada de grande mobilidade e treinamento adequado para combater os insurgentes em ações descentralizadas e explorando a surpresa, não foi acompanhada de ações integradas com esferas civis para obtenção sinérgica de esforços como preveem os pressupostos teóricos de Galula.

Segundo as evidências observadas, podemos concluir que o principal fator de incompatibilidade da contrainsurgência soviética ao modelo teórico foi a estanqueidade entre as ações militares e as civis que eram articuladas no âmbito político do governo afegão, mesmo com a presença de outro “exército” de assessores e conselheiros soviéticos. Em contrapartida, as leis de Galula orientam uma preponderância das ações políticas em detrimento das militares.

Nesse contexto, o seguinte questionamento vem à tona: os impactos de graves erros cometidos no início de uma campanha de contrainsurgência podem ser revertidos após uma mudança de *modus operandi*? Certamente não é uma pergunta fácil de responder. No caso concreto estudado essa reversão não foi possível. Entretanto, seguramente uma fundamentação doutrinária adequada e consolidada no seio de suas tropas podem conferir maiores chances de sucesso desde o início.

Por oportuno, cabe lembrar que não aprofundamos a pesquisa no que concerne ao apoio externo recebido pelos *Mujahideen*, nem tão pouco exploramos as variáveis geográficas como parâmetro de comparação. Outro importante aspecto digno de ser explorado recai sobre o seguinte questionamento: Em que medida as doutrinas e treinamento para emprego convencional apresentam incompatibilidade com as doutrinas e treinamento para emprego na guerra irregular? O presente estudo deixa em aberto essas e outras questões, que não puderam ser abordadas neste recorte temático, cujos desdobramentos podem suscitar futuras pesquisas com foco nas demais variáveis.

De acordo com o ora exposto, a argumentação apresentada teve como propósito elucidar a questão proposta no início, a saber: O emprego das tropas da ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (ex-URSS) no combate à insurgência *Mujahideen* no Afeganistão teve aderência ao modelo teórico de David Galula no que concerne o apoio da



população? Assim, mesmo tendo encontrado aspectos isolados que convergiam à teoria, a preponderância da abordagem adotada para condução da contrainsurgência soviética no caso em tela nos permite confirmar nossa hipótese de que não houve aderência ao modelo de Galula.

Finalmente, depreendemos a relevante implicação para a Marinha do Brasil em tirar proveito da experiência soviética que, ao negligenciar o desenvolvimento de uma doutrina de contrainsurgência, amargou graves perdas humanas e materiais, além de impor severos danos colaterais à população afegã, perdendo assim, qualquer chance de obter seu apoio. Do mesmo modo, conflitos que envolvem a guerra irregular tem sido uma tendência, particularmente se observarmos o período pós-Segunda Guerra Mundial até os dias atuais, denotando a pertinência de avaliar cuidadosamente a necessidade de tal embasamento doutrinário.

## REFERÊNCIAS

ALEXIEV, Alexander. *Inside the Soviet Army in Afghanistan*. Santa Monica. Ed. The Rand Corporation. 1988. 85 p. Disponível em: <http://www.dtic.mil/dtic/tr/fulltext/u2/a213733.pdf>. Acesso em 30 de março de 2018.

BLAINEY, Geoffrey. *Uma Breve História do Século XX*. São Paulo: Editora Fundamento Educacional, 2008. 308 p. Título original: *A short history of the 20th century*.

CLAUSEWITZ, Carl Von. *Da Guerra*. Editora Martins Fontes. 2010.

CASSIDY, Robert M. *Counterinsurgency and the Global War on Terror: Military culture and irregular warfare*. Westport. Ed. Greenwood Publishing Group. 2006. 211 p.

COLD WAR INTERNATIONAL HISTORY PROJECT - CWIHP. *The Soviet Union and Afghanistan, 1978 - 1989: Documents from Russian and German Archives*. Boletim 8/9. p. 66 a p.184. 1996. Disponível em: [https://www.wilsoncenter.org/sites/default/files/e-dossier\\_4.pdf](https://www.wilsoncenter.org/sites/default/files/e-dossier_4.pdf). Acesso em 15 de maio de 2018.

EUA. Combined Arms Doctrine Directorate. *FM 3-24/MCWP 3-33.5: Counterinsurgency Field Manual*. Washington, D.C, 2006. 419 p.

FRANÇA, Júnia L. VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 8. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007. 255 p.

GALULA, David. *Counterinsurgency Warfare: Theory and Practice*. New York and London: Frederick A. Praeger, Inc., 1964. 118 p.

GRAU, Lester. *The Bear Went Over The Mountain: Soviet Combat Tactics In Afghanistan*. Tannenber Publishing. 2014. Edição do Kindle.

HAMMOND, Thomas Taylor. *Red Flag over Afghanistan: The Communist Coup, the Soviet Invasion and the Consequences*. Boulder, Colorado. Westview Press. 1984. 262 p.

JALALI, Ali Ahmad. *The Other Side of the Mountain: Mujahideen Tactics in the Soviet-Afghan War*. Tales End Press. 2012. Edição do Kindle.

JONES, Seth G. *In the graveyard of empires: America's war in Afghanistan*. 1ª ed. New York, 2009. 414 p.

KALINOVSKY, Artemy. *The Blind Leading the Blind: Soviet Advisors, Counter-Insurgency and Nation-Building in Afghanistan*. Woodrow Wilson International Center for Scholars, Cold War International History Project, Working Paper No. 60 (January 2010), 2. Disponível em:

[https://www.wilsoncenter.org/sites/default/files/WP60\\_Web\\_Final.pdf](https://www.wilsoncenter.org/sites/default/files/WP60_Web_Final.pdf). Acesso em 11 de maio de 2018.

LYAKHOVSKY, Alexander Antonovich. *The Tragedy and Valor of Afghan*, Iskon, Moscow 1995, 344 p. Título original em russo: *Tragediya I Doblest Afgana*.

MATTHEWS, Matt M. “*We have not learned how to wage war there*”: *The Soviet Approach in Afghanistan 1979 - 1989*. Fort Leavenworth. Combat Studies Institute Press. 86 p. 2011. Disponível em: <https://www.armyupress.army.mil/Portals/7/combats-studies-institute/csi-books/MatthewsOP36.pdf>. Acesso em 15 de abril de 2018.

MCMICHAEL, Scott R. *The Soviet Army, Counterinsurgency and the Afghan War*. Carlisle. 1989. 16 p. Disponível em: [www.dtic.mil/get-tr-doc/pdf?AD=ADA529242](http://www.dtic.mil/get-tr-doc/pdf?AD=ADA529242). Acesso em 30 de março de 2018.

MINKOV, Anton; SMOLYNEC, Gregory. *4-D Soviet Style: Defense, Development, Diplomacy, and Disengagement in Afghanistan During the Soviet Period. Part II: Social Development*. Ed. Routledge Journal of Slavic Military Studies. Abingdon-on-Thames. 2010. p. 391 a 411. Vol. 23. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13518046.2010.503144>. Acesso em 23 de abril de 2018.

VISACRO, Alessandro. *Guerra Irregular Terrorismo: guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história*. São Paulo. Ed. Contexto, 2009. 376 p.

## ILUSTRAÇÕES

## ANEXO A

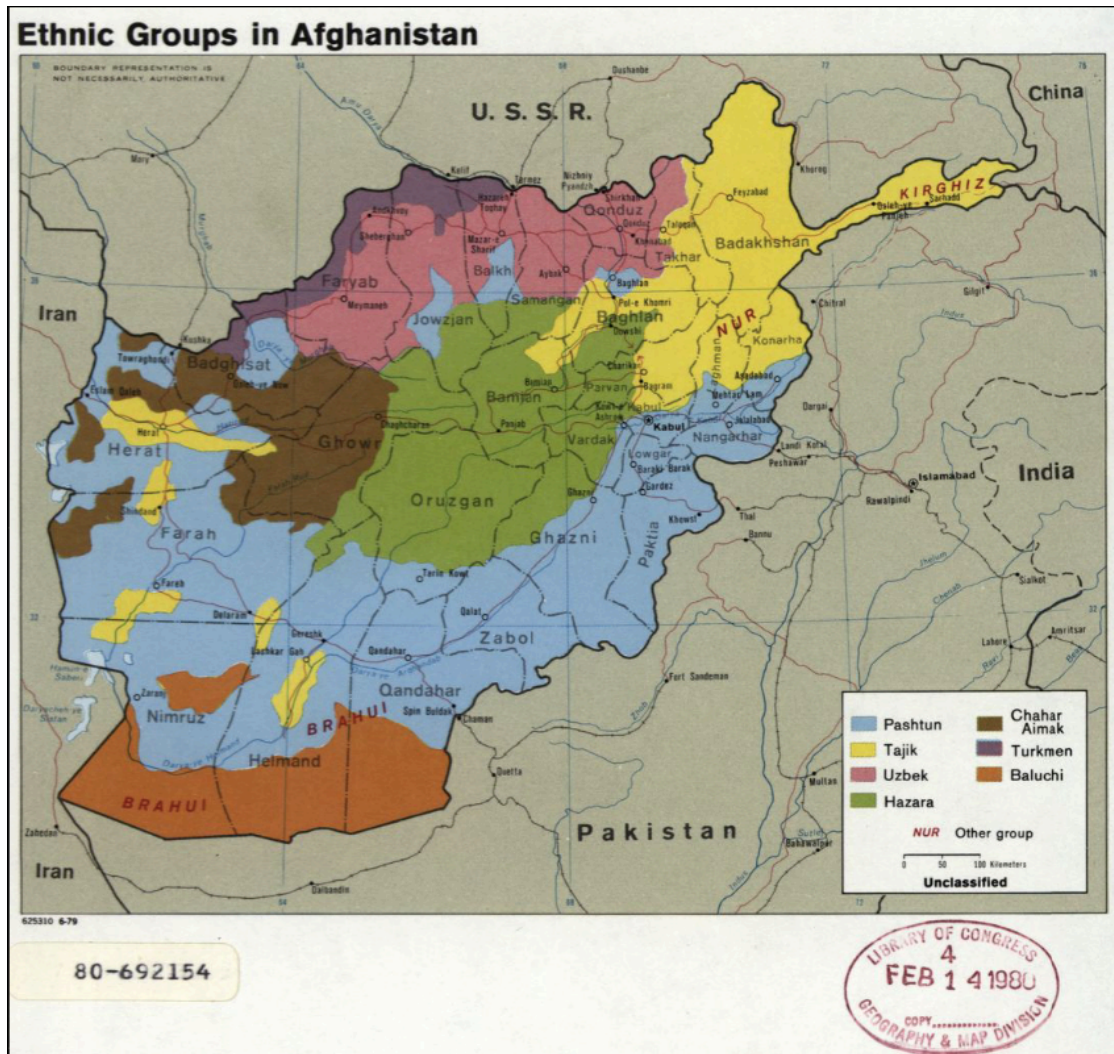


FIGURA 1 - Mapa étnico do Afeganistão em 1980.

Fonte: <<https://www.loc.gov/resource/g7631e.ct001105/?r=-0.251,-0.053,1.501,1.066,0>>.

Acesso em 30 de abril de 2018.

## ANEXO B

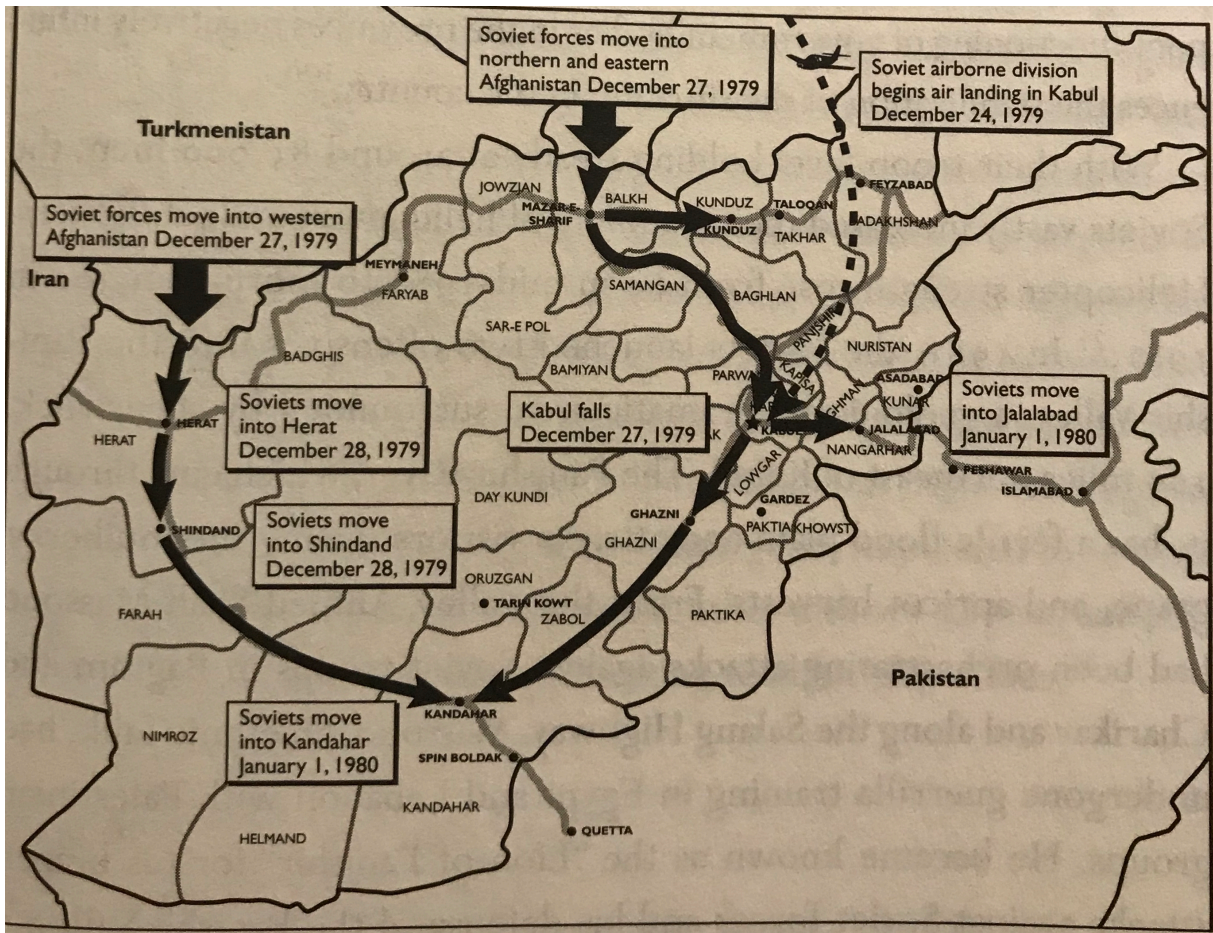


Figura 2 - Mapa da invasão soviética no Afeganistão em 1979

Fonte: JONES, 2009, P. 27.

Nota: Imagem foi digitalmente obtida a partir da obra *In the graveyard of Empires*

## ANEXO C

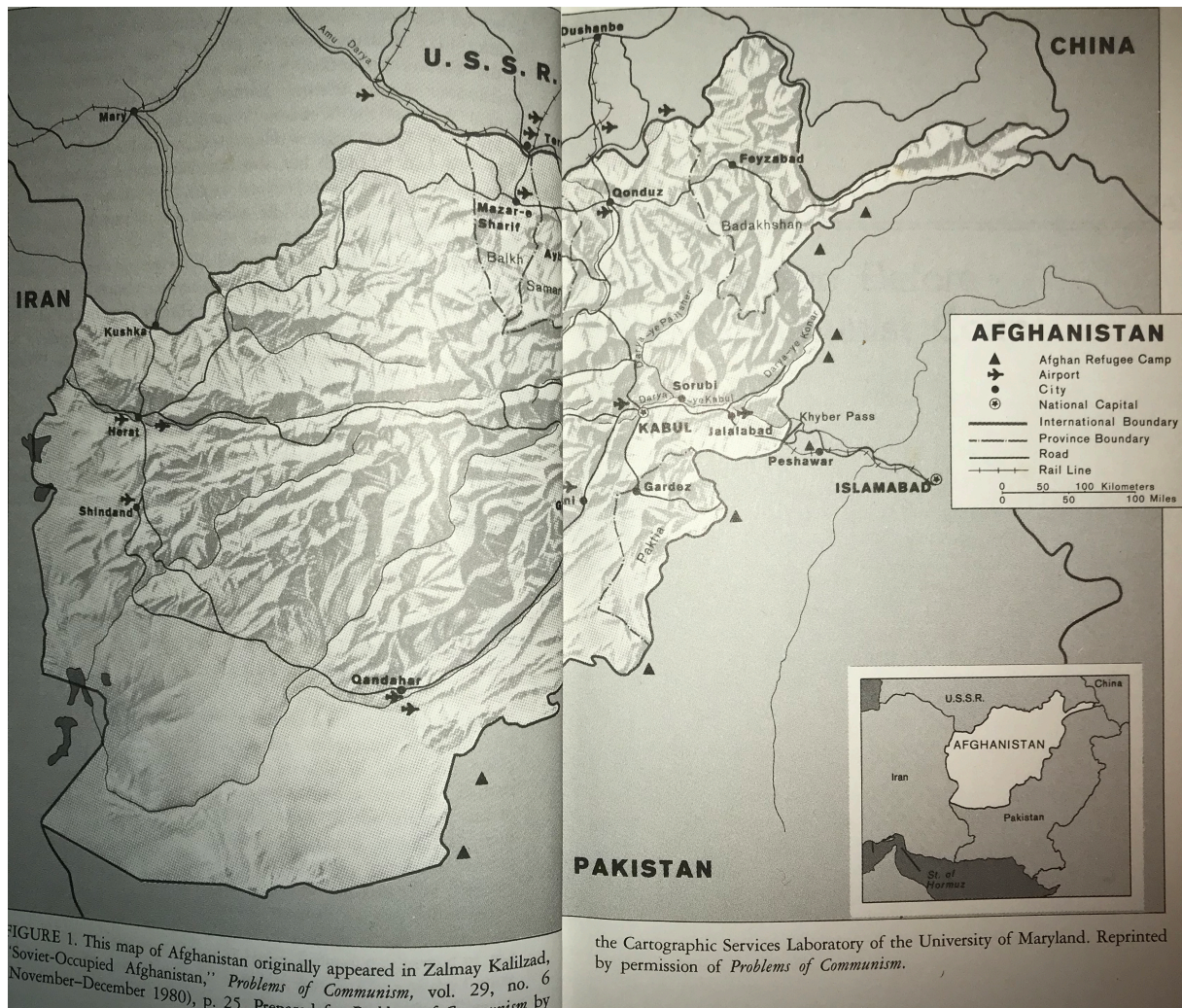


Figura 3 - Mapa do Afeganistão.

Fonte: HAMMOND, 1984, P. xviii.

Nota: A partir desse mapa é possível observar a predominância do ambiente montanhoso que caracteriza o relevo do Afeganistão. A imagem foi digitalmente obtida a partir da obra *Red Flag Over Afghanistan*.

## ANEXO D



Figura 4 - Foto da retirada das tropas soviéticas do Afeganistão.

Fonte: <<http://visualrian.ru/ru/site/gallery/#24609>>. Acesso em 05 de agosto de 2018.

## ANEXO E

<b>FACÇÃO</b>	<b>Liderança</b>	<b>Etnia dominante</b>	<b>Postura</b>	<b>Maior Penetração</b>
<b>Khalq (o povo)</b>	- Nur Mohamed Taraki: líder intelectual. - Hafizullah Amin: chefe do bureau militar Khalq	Pashtun	Radical	Meio rural
<b>Parcham (estandarte ou bandeira)</b>	- Babrak Karmal: líder estudantil.	Tadjique	Moderada	Núcleos urbanos

QUADRO 1 - Facções do Partido Democrático do Povo Afegão (PDPA)  
 Fonte: VISACRO, 2009, P. 203.